

A REAFIRMAÇÃO DO SAGRADO

Attilio Colnago Filho

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes. Área Patrimônio e Cultura
Universidade Federal do Espírito Santo. Brasil
attiliocolnago@hotmail.com

Esta abordagem tem como objeto as imagens devocionais, sua força, sua relação e importância nos cultos a elas empreendidos nas comunidades onde estão expostas. Antes de qualquer elaboração teórica, o que fundamenta nossa análise é a relação cotidiana de mais de vinte anos coordenando o Núcleo de Conservação e Restauração do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil, onde vivenciamos os processos empreendidos na restauração dessas imagens. Também participamos dos rituais realizados quando de seu retorno para suas cidades de origem, que têm seu ponto máximo nas cerimônias que denominamos de "reconsagração".

Nesse sentido, há a abertura de um grande número de possibilidades de pesquisas, pois enfocam relações compreendidas dentro do âmbito da história, da política, da antropologia e da sociologia, entre outros. Dentre eles, nossa pretensão está em procurar compreender os aspectos relacionados com a prática dessa religiosidade, as características físicas das imagens e sua importância nas comunidades onde estão inseridas.

Não podemos deixar de abordar, em primeiro lugar, a prática religiosa que envolve as imagens devocionais. Para tanto, faz-se necessário, mesmo que de forma sucinta, discorrer sobre o exercício de um catolicismo que foge às regras impostas pela Igreja, com seus aspectos ligados aos sacramentos e à evangelização, e adentrar em um terreno absolutamente encantador, envolvente e perigoso, que abriga, em seu âmago, o catolicismo popular.

18

Diante disso, torna-se importante volvermos à colonização do Brasil, realizada por Portugal, inicialmente implantada nas vilas e cidades litorâneas da Colônia, onde a vida se consolidava por meio de um contexto social com alicerces fortemente sedimentados no pensamento religioso. Na afirmação de Abreu, fica clara a intenção da Metrópole de indicar a existência de "[...] uma reafirmação simbólica da ampla vitória pretendida pelos colonizadores e pela fé católica na Terra de Santa Cruz [...], que [...] buscavam fazer da Colônia 'um reino de Deus por Portugal'" (1993, p. 45).

A ligação direta com os portugueses tornou este país essencialmente católico e, em consequência, a arte trazida nesse período teve sua maior expressão no barroco e estava intimamente ligada à doutrina e aos interesses de propagação da fé definidos pelo Concílio de Trento, que traçava as diretrizes para a sua produção com a proibição de temas heréticos e irrelevantes, enfatizando, dessa forma, as diversas representações da Virgem Maria, dos mártires e santos, com a finalidade de instruir e evocar a fé.

Apesar dos vários movimentos iconoclastas, o culto dedicado às imagens sempre se manteve muito presente na Igreja Católica. Esses cultos se multiplicaram ao longo dos séculos, tendo na própria Igreja o desenvolvimento da noção de que os milagres poderiam ser realizados a distância. Esse fato, além de dotar o poder dos santos de uma universalidade, contribuiu também para uma maior utilização e propagação das suas imagens, constituindo-se, a partir daí, em número muito maior que as próprias relíquias sagradas (VAUCHEZ, apud OLIVEIRA, 2008, p. 232).

Com a expansão do cristianismo para além do continente europeu, tornava-se cada vez mais premente a utilização das imagens como um dos principais elementos de

conversão e organização dos novos fiéis, que podiam se espelhar na vida dos santos que, entre outros aspectos, afirmavam a sua subordinação à Igreja, seus martírios e virtudes engendrados em função da crença em um Deus e na elevação de sua fé.

Dessa forma, a religião católica trazida pelos portugueses foi urdida tão fortemente nessa nova terra que suas características ainda hoje se encontram presentes nas práticas religiosas empreendidas pelas comunidades, principalmente nos centros urbanos mais afastados das grandes cidades.

A propagação do cristianismo no Brasil se deu, inicialmente, pelo litoral e depois se alastrou pelo interior deste grande território, criando distâncias cada vez maiores entre as vilas e as cidades aqui instaladas. Nessa expansão territorial, ficava cada vez mais explícito o privilégio do culto aos santos, amparado no II Concílio de Nicéia, no ano de 787, quando ganhou corpo a doutrina ortodoxa sobre a veneração das imagens, baseada na teologia de São João Damasceno (675-749), na qual ficou definido que:

[...] a verdadeira 'latria' – adoração – tão só a Deus corresponde; mas que as imagens do Salvador, da Virgem, dos anjos e dos santos, podem ser veneradas, e que era legítimo honrá-los com a oferenda de incenso e vela, como foi o piedoso costume dos antigos, porque o que adora uma imagem adora a pessoa nela representada (ORLANDIS, 2006, p. 278-279).

Com essa expansão, teve início uma religiosidade mais popular, contribuindo para isso vários fatores, entre eles, a própria distância dos centros urbanos que dificultava a presença de sacerdotes e com isso a ordem tradicional da Igreja. Esse fato acabou por permitir o entrelaçamento das formas de professar uma religião trazida pelos europeus com as nativas e as trazidas da África pelos escravos. Essa distância e, ao mesmo tempo, essa proximidade acabaram por criar imbricações muito características no modo de professar a fé, mesclando elementos dessas diferentes culturas num processo de se reorganizar e se reconstruir em torno de um eixo central, acima do qual está a Divindade Superior.

19

Esse distanciamento acaba por influenciar também a direção final do que é proposto pela Igreja, em que a adoração a um Deus infinito e misericordioso promoverá a salvação da alma sem necessidade de intermediários.

Se for observado o contexto religioso das vilas coloniais, o que se percebe é uma menor relação do povo com o culto à *latria*, que evoca a Santíssima Trindade. Esse Deus supremo se torna também mais distante e de assimilação mais difícil pela parte mais simples da população. A imagem do Cristo aparece de forma preponderante em representações sempre ligadas às passagens que evocam a piedade. Essas imagens, localizadas não somente nas igrejas, mas também nos passos da paixão espalhados pelas ruas, trazem as iconografias quase sempre relacionadas com a Paixão, onde aparecem o Cristo da Coluna, o Senhor dos Passos, o Cristo Crucificado, o Cristo Morto, porém o que mais fica evidenciado são suas dores, suas chagas e sofrimentos que, por meio da piedade, abrandam seu caráter divino e o aproximam mais da condição humana.

Os cultos da *dúlia* e da *hiperdúlia* que tratam da veneração aos santos e à Virgem Maria têm sua força localizada exatamente na proximidade que o homem religioso pode ter com seus santos protetores, pois se situam mais perto, com sua função medianeira entre os homens e a Divindade. Dessa forma, fica muito mais fácil sua inserção no cotidiano dos fiéis, fazendo um imbricamento entre os elementos do sagrado e os do profano.

Essa forma de organizar esses cultos, trabalhados com elementos sacramentais, vai se situar dentro do contexto da religiosidade popular que cria a paraliturgia, que significa a fé fora da liturgia oficial da Igreja Católica, criada pelo povo, e que aos poucos vai sendo assimilada pelas autoridades eclesiais. São sinais de uma

religiosidade que se materializa na fé de cada um e, mesmo assumindo grandes proporções, não pode ficar mais importante que o mistério a ser celebrado no sacramento.

Os eventos paralitúrgicos, como são criados pelo homem religioso, para ele se tornam sacramento, como as romarias, as procissões, mas não são institucionalizados e não são proclamados como sacramento. Em vista da função da religiosidade que neles também se encontra embutida, acabam por se tornarem teóforos – portadores do sagrado, de Deus –, e assim são assimilados e permitidos pela Igreja. Ao se tornarem fundamentais no cotidiano das comunidades, auxiliam na divulgação de seu culto e prolongam a sua vida, mas não a substituem. O que deve ser observado é que “[...] estes exercícios devem ser organizados de tal maneira que condigam com a sagrada liturgia, dela de alguma forma derivem, para ela encaminhem o povo, pois que ela, por sua natureza, em muito os supera” (CATECISMO, 1993, p. 457).

Essa forma de assimilação dos eventos paralitúrgicos pode ser entendida quando trata da Celebração dos Mistérios Cristãos e proclama que

[...] além da liturgia, a vida cristã se nutre de formas variadas da piedade popular, enraizadas em suas diversas culturas. Velando para mantê-las à luz da fé, a Igreja favorece as formas de religiosidade popular que exprimem um instinto evangélico e uma sabedoria humana e que enriquecem a vida cristã (CATECISMO, 1993, p. 458).

Surge dessa relação uma das formas do catolicismo popular, que de acordo com Hauck (1992) se diferencia do catolicismo oficial, pois não tem, em sua organização, os elementos concernentes aos sacramentos e à evangelização.

As ações empreendidas por essa prática serviram como agente aglutinador do povo, no período da formação do Brasil, e ainda hoje promove a socialização dos membros das comunidades em torno de seus santos protetores. Neles depositam a preservação da esperança utópica de que dias melhores sempre estão por vir. Essa afirmativa pode ser comprovada quando, ao tratar da religiosidade popular, a própria Igreja define:

[...] o senso religioso do povo cristão encontrou, em todas as épocas, sua expressão em formas diversas de piedade que circundam a vida sacramental da Igreja como a veneração de relíquias, visitas a santuários, peregrinações, procissões, via-sacra, danças religiosas, o rosário, as medalhas etc. (CATECISMO, 1993, p. 457).

Essa forma mais livre de professar a religião acaba por propiciar a união da família, dos amigos e até dos membros mais distantes das comunidades, nesse processo de consolidação e intimidade com seus santos que os acompanham por toda uma vida – desde o momento em que adentram a igreja, na cerimônia do batizado, da primeira eucaristia, do casamento, na sequência desses rituais com seus filhos e amigos, chegando até as cerimônias finais da extrema-unção e dos sepultamentos.

A maneira de venerar os santos e a Virgem Maria por meio de suas imagens, a *iconodúlia*, organiza-se em forma de ações de proteção e de devoção, que ocorrem de forma direta, sem necessidade da intermediação da Igreja ou dos sacerdotes. A presença dessas entidades ocorre naturalmente com a instalação, nas residências, de esculturas ou pinturas dos santos de devoção nas mesas de cabeceira, nas paredes, nos oratórios. Essa é uma outra prática introduzida no Brasil pelos portugueses que, ao aportarem nessas terras, traziam consigo seus santos de devoção, e “[...] são a prova de uma necessidade quase fetichista entre o homem comum e o santo protetor, funcionando como local sagrado para guardar não só as imagens, mas também outros elementos decorativos de especial devoção [...]” (AVILA, 1999, p. 20).

A piedade e a proteção caminham *pari passu* com o devoto com seus cultos domésticos na entronização de imagens nos oratórios, onde foram sendo incorporadas as mais diversas iconografias conforme o culto local ou particular, constando neles os santos que protegem das doenças, dos raios, da morte súbita, que protegem a casa, a família, a profissão, os animais domésticos e tantos outros como permite a longa hagiografia católica. O culto a esses santos pode ocorrer de forma individual, com as orações e promessas feitas nas próprias residências.

Dessa forma, as imagens assumiram várias funções nas comunidades, como a de nomear e proteger as localidades das quais eram as padroeiras e servir de exemplo para a organização da população, no que diz respeito ao cumprimento de preceitos relacionados com a ordem e os bons costumes.

Com referência aos cultos coletivos, trataremos aqui, especificamente, das festas e das procissões dos santos padroeiros. Essas práticas acabaram por ser permitidas pela Igreja, pois, mesmo não tendo os dogmas definidos pelo catolicismo oficial, servem de elemento agregador da comunidade em torno da Igreja, complementando a lacuna deixada pela falta dos sacramentos e da evangelização, onde a presença do sacerdote é de suma importância.

Apesar das decisões do Concílio Vaticano II, que orientam as práticas religiosas para a direção cristocêntrica, de certa forma, a prática que se vê nas comunidades com as quais temos trabalhado é a presença da força derivada da religiosidade popular, que traz em seu bojo a ternura, a delicadeza presente no modo carinhoso de ornamentar os altares, os andores, os espaços litúrgicos, fazendo deles a continuidade das casas e das casas a continuidade dos espaços sagrados, preparando com carinho o local para a veneração dos seus santos e da Virgem, tanto nos cultos particulares quanto nos comunitários.

Essa maneira de se relacionar com as coisas do sagrado forma um contraponto para a convivência com os ritos associados ao catolicismo oficial, que ainda se mantém em uma rigidez dogmática, ancorada nas decisões do Concílio de Trento.

Essa força preponderante do catolicismo popular pode ser notada nas cidades que, mesmo tendo suas igrejas reformadas para trazer a imagem de Cristo como centro principal de atenção, retirando a imagem do santo padroeiro do ponto focal, dos centros dos altares, e levando-a para capelas ou altares laterais, minimizando sua presença nos cultos, sua força simbólica não é abalada. Os santos continuam a denominar as paróquias, a atender aos pedidos dos fiéis e a agregar a maioria da população para honrá-los em suas datas festivas.

Ao se trabalhar com as imagens devocionais, dois aspectos são de fundamental importância. O primeiro está ligado diretamente à sua propriedade como corpo físico, com suas diferentes matérias, de acordo com o suporte com que foram confeccionados e que estão ligados a fatores como peso, forma, cor, textura e tantos mais atributos definidos pelo artista seu criador. O outro aspecto está fundamentado no deslocamento dos sentidos religiosos, sociais e culturais ocasionado pela sua perenidade em uma comunidade, tendo, neste texto, seu aspecto devocional evidenciado, pois faz referência às esculturas confeccionadas para atuarem nos rituais católicos e, por conseguinte, não poderia deixar de tratar de diferentes questões conceituais e teóricas, que se localizam nos aspectos de pertencimento como padroeiras de uma paróquia.

A grande importância dessas imagens deriva do fato de estarem incluídas nos preceitos da Igreja Católica, que, de acordo com Oliveira (2008, p. 26), sempre acreditou na existência de elementos incumbidos de realizar o intercâmbio entre o

mundo composto pelas coisas materiais e o outro mundo, o não material, constituído pelas coisas relacionadas com o espiritual, com sua função dialética que separa e une. Ao mesmo tempo em que estão em uma dimensão superior em frente aos homens, os santos os acolhem e os aproximam do sagrado e de um Ser superior ao qual estão ligados.

A produção de objetos com finalidades litúrgicas sempre foi diversificada, influenciada, prioritariamente, pela grande extensão territorial do Brasil, pelas distâncias entre as vilas mais desenvolvidas e as perdidas nos rincões mais longínquos. Essa diversidade não se apresentava somente no método construtivo, por exemplo, na arquitetura, que no litoral se configurava em igrejas com largas paredes de pedra e cal, e as do interior com paredes mais delicadas, construídas com o método de pau a pique, como também na diversidade dos materiais utilizados como suporte na produção das imagens, como as madeiras, as pedras e o barro cozido. Posteriormente, eram douradas e policromadas.

A expressão sempre foi um dos elementos fundamentais na confecção das imagens para os cultos, daí a preocupação de encontrar madeiras que fossem resistentes para serem transportadas do atelier do escultor às igrejas, por vezes muito distantes. Essas madeiras deveriam, ao mesmo tempo, permitir um bom entalhe, pois as imagens precisavam atingir o coração de seus fiéis com sua emoção e verdade, o que somente poderia ser conseguido por meio do naturalismo de seus rostos e gestualidade das mãos.

Para tanto, havia nos ateliês o domínio de técnicas construtivas sofisticadas para conseguir tal intento: a implantação de olhos de vidros para aumentar o poder de comunicação com o brilho do olhar; a diferença de tratamento da pintura das carnações, executada com tintas oleosas; o polimento com pequenos pedaços de material gorduroso para que fizessem um contraponto com as áreas de estofamento, tratadas sempre com tintas foscas, com a intenção de ampliar seu contraste com requintados brocados conseguidos com pintura a pincel e esgrafiados e florões que reluziam sobre o brunido das folhas de ouro.

22

Eliade discute um paradoxo que aqui se torna importante, referente à manifestação do sagrado na imagem, que a torna uma outra coisa, sem, no entanto, perder as características da escultura que lhe serve de suporte. O objeto se torna elemento de culto, mas, como matéria, “[...] continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente [...]” (2001, p. 18) e, por conseguinte, a partir de algum momento, pelo envelhecimento natural de suas partes, por acidentes ou vandalismo, começa a apresentar problemas em sua estrutura física, necessitando, a partir desse momento, de ações emergenciais no que diz respeito à conservação e restauração de sua estrutura como também de sua leitura.

Há registros, na história da restauração, de que as primeiras intervenções nesse sentido foram realizadas ainda no século XV, por artistas como Duccio e Fra Angélico. Nesse período, a preocupação final estava em restituir a leitura das imagens que se apresentavam comprometidas pelas degradações. Para tanto, não havia ainda a preocupação em realizar repinturas ou reconstruir partes faltantes. Em resumo, a imagem deveria estar plena em relação às formas e cores. Com esse intuito, qualquer problema deveria ser sanado para que a imagem pudesse melhor servir à religião.

Guardadas as devidas relações de tempo e espaço, esse pensamento continua sendo o mesmo, quando se trata de imagens devocionais que devem se apresentar completa em seu aspecto físico, diferentemente das peças religiosas que fazem parte de acervos de museus, que podem e devem deixar visível a passagem real do tempo, em que as perdas de suas partes são mantidas como elementos de memória.

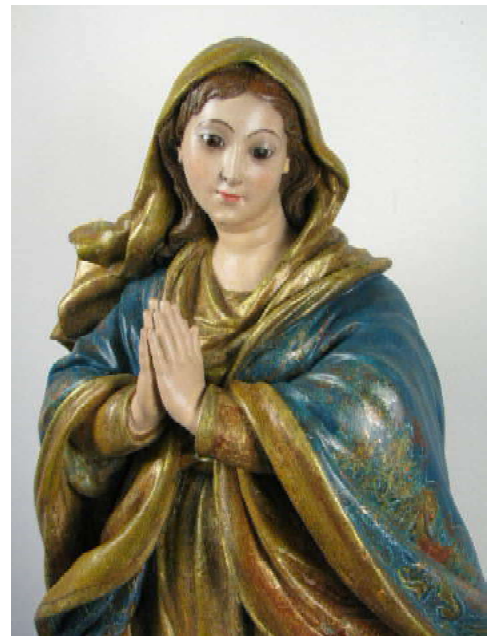


*Figuras 1 e 2: Nossa Senhora das Neves. Antes e depois da restauração (Presidente Kennedy/ES). Madeira policromada 152 x 76 x 50 cm.
Fonte: Arquivo do NCR. Fotografias: Attilio Colnago, 1997.*

A partir da definição de que somente uma intervenção restaurativa pode garantir a continuidade do bom estado físico do suporte e do aspecto de uma imagem, é preciso estabelecer um diálogo com os procedimentos éticos da restauração, procurando adequar as soluções específicas aos problemas apresentados.

Um restaurador consciente de suas atitudes éticas, impossibilitado de operar milagres e falsificações, tem somente a possibilidade de conter as degradações, estabilizar a estrutura material dos componentes construtivos da imagem e melhorar sua leitura. Fica clara a necessidade de se respeitar a historicidade da peça que tem como primeira função ser devocional, portanto sua integridade, tanto física quando estética, deverá ser mantida.

23



*Figuras 3 e 4: Nossa Senhora da Conceição. Detalhe da restauração e imagem finalizada (Guarapari/ES). Madeira policromada 127 x 59 x 37 cm.
Fonte: Arquivo do NCR. Fotografias: Attilio Colnago, 2010.*

O bom aspecto condizente com sua função de padroeira e protetora restituirá seu poder, para novamente ter a sua valorização como elemento devocional nos cultos diários nas igrejas. Seus elementos memorativos sendo reafirmados criam os elos necessários com o passado e abrem possibilidades de compartilhar as futuras esperanças de uma comunidade religiosa, para novamente poder por ela interceder e dela conceder graças.

Com o final da restauração da imagem, é hora de seu retorno para a comunidade. Esse momento se configura como de puro júbilo. É hora de reentronizá-la em sua igreja, mobilizando novamente a comunidade para a realização de suas festas e procissões, pois ela está de volta, já que esteve por algum tempo afastada para intervenções restaurativas.

Denominamos essas ações jubilosas das comunidades como "rituais de reconsagração", que formalmente não fazem parte das liturgias definidas pela Igreja Católica. A consagração, como sacramento, diz respeito diretamente e tão somente à "hóstia consagrada", quando, por meio da transubstanciação, se transforma no do corpo de Cristo. Sobre essa conversão, podemos citar Santo Ambrósio, quando afirma que "[...] estejamos bem persuadidos de que isto não é o que a natureza formou, mas o que a benção consagrou, e que a força da benção supera a natureza, pois pela benção a própria natureza é mudada [...]" (CATECISMO, 1993, p. 380).

Porém, tomando como referencial teórico os escritos de Freedberg (1992), os rituais de consagração sempre foram utilizados pela Igreja Católica e compreendem ações comuns a todos eles, entre outros, a sua realização perante um grande público, o transporte das imagens em andores ornamentados pelas principais ruas das cidades, as ações de ungi-las, benzê-las e bendizê-las, para que toda a comunidade saiba do poder, das bênçãos e proteção que delas poderão emanar.

Ainda de acordo com esse autor, para todas as instâncias religiosas e, principalmente, para as imagens, a consagração é o momento de maior significação, é quando a matéria deixa de ser somente matéria física, quando o objeto deixa de ser somente ele mesmo, transformando-se em uma outra coisa, quando incorpora um significado especial e, dessa forma, consegue estabelecer as relações verticais, tornando-se um emissário entre os homens e a Divindade (FREEDBERG, 1992).

Nas reconsagrações, como não fazem parte dos rituais predeterminados pela Igreja, podemos ver ações mais livres e sempre acompanhadas por manifestações exultantes por parte dos fiéis. Como exemplificação desses rituais, utilizamos, neste texto, as festas realizadas em algumas cidades do Espírito Santo, quando da devolução de suas padroeiras e de outras imagens de santos, que foram restauradas no Núcleo de Conservação e Restauração, quando, para isso, permaneceram por um período de até dois anos afastadas de suas igrejas e de seus fiéis.

Essas celebrações são acontecimentos relevantes, expressando a cultura local e se constituindo como parte de sua história. São sempre pautadas por um trabalho em que a cooperação e a solidariedade são elementos essenciais para sua concretização.

É o momento de arrecadar dinheiro para confeccionar uma nova roupa para a imagem, para adquirir as flores e outros materiais para a decoração dos altares e dos andores.

Essas ações ficam mais evidentes em procissões como a da festa de *Corpus Christi*, em que a necessidade de uma grande quantidade de material para a confecção dos tapetes – que saem da igreja e avançam pelas ruas a ela circundantes – promove ações de cooperação que têm um longo tempo para se concretizar no período anterior à procissão e mais um longo e paciente trabalho para dispor esses materiais

ao elaborar os cuidadosos desenhos pelas ruas, tarefas que não aconteceriam sem uma ação de sociabilidade.



Figuras 5 e 6: Preparação do andor para a procissão de Nossa Senhora da Penha (Maratáizes/ES). Fonte: Arquivo do NCR. Fotografias: Attilio Colnago, 2011.

Nesses períodos, algumas organizações são comuns, como a divulgação do retorno da imagem objetivando o comparecimento em massa da comunidade, quando da realização das procissões e das missas solenes.

Em meio a essa mobilização, as imagens são rerepresentadas, e esse conagraçamento acaba por simbolizar a identidade de cada fiel na sua forma específica de professar sua fé e na relação coletiva com o sagrado, o que acaba por definir a identidade e a forma específica de uma comunidade se organizar em torno dos elementos da religião e a forma como administra as suas trocas simbólicas.

25

Essas procissões, normalmente são realizadas em marcha solene pelas ruas das cidades, com os fiéis transportando as imagens e entoando cânticos e orações. Elas têm um significado especial para os devotos, pois sua intenção está em honrar e reverenciar a imagem dos santos – uma marcha em direção a

Deus. Ao final do cortejo, as imagens são novamente benzidas e recolocadas em um lugar de honra nas igrejas para que novamente possam ser veneradas.

Esses eventos, como manifestações de fé, não constam da liturgia oficial. Dessa maneira, inserem-se também nos rituais paralitúrgicos.

As procissões situadas dentro do que é Sacramental, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica, promulgado pelo papa João Paulo II, estão inscritas nos rituais de realização da Santa Missa. A primeira, relaciona-se com o translado do *Lecionário* e do *Evangelário*, livros que contêm as leituras bíblicas – um para os dias da semana, para os domingos e para as festas dos santos, e o outro, que é o livro mais importante da cerimônia, contendo as leituras sobre os Evangelhos a serem proclamados aos domingos. Nesse cortejo, é feita a sua veneração em forma de procissão, incenso e luz.

A segunda procissão é definida pelo ofertório, quando são apresentadas as oferendas – o pão e o vinho –, que se transformarão no corpo e no sangue de Cristo.

A terceira está representada pela procissão dos fiéis no momento de receber a Eucaristia, realizada durante a comunhão.

E a quarta se corporifica na procissão do Santíssimo, realizada nas celebrações de *Corpus Christi*, depois da missa, pelas ruas da cidade, onde são proferidas três bênçãos, como o prolongamento da Eucaristia para a comunidade.

De forma simbólica, essa procissão representa a luz do astro maior – o Cristo Eucarístico – celebrado na Santa Missa, e a procissão que a segue se configura como a cauda de um cometa que serpenteia pelas ruas devidamente ornamentadas, irradiando a luz divina com a passagem da hóstia no ostensório.



Figura 7: Procissão de Corpus Christi (Marilândia/ES). Fonte: Arquivo do NCR, 2011.

Estamos vivenciando um processo de dessacralização das cidades, mesmo as situadas no interior, com os processos advindos da globalização, dos avanços tecnológicos e de uma radical mudança comportamental, essas transformações evidenciam um esmorecimento do mundo situado em períodos não muito remotos, que tinha no sagrado a força motriz que agregava e impulsionava o cotidiano da sociedade.

O que pode ser observado de forma muito evidente é que essa dessacralização é muito mais frágil que a memória do sagrado. Ela é interrompida de forma bastante visível, quando solicitado o comparecimento em massa de seus fiéis nas datas festivas da igreja e, dentre elas, o dia consagrado ao padroeiro, e também nas festividades regulares, com seus atos públicos e coletivos de expressão de religiosidade.

É esse retorno às instâncias do sagrado que Eliade define como o Tempo Sagrado “[...] que se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente místico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos” (1992, p. 64).

A grande responsável por esse movimento convergente em direção à Igreja por certo são suas imagens simbólicas que, quanto mais inseridas no cotidiano da comunidade, mais expressivas se tornam.

Mesmo os fiéis mantendo o distanciamento devido em relação aos objetos sagrados, na frequência dos encontros, esse distanciamento tende a se abrandar. Dessa forma, é construída e constituída uma maneira respeitosa de cumplicidade, pois as imagens se tornam partes importantes e constantes de suas vidas. Com o passar do tempo,

esse contato contínuo faz com que elas e os fiéis envelheçam ao mesmo tempo. Esse é um processo lento, pausado, que vem estabelecer uma aliança que ultrapassa os conceitos situados somente no âmbito do temor e do respeito em face ao sagrado, pois é essencialmente constituído de carinho e de afeto.

Essas imagens, se bem cuidadas, têm a sua vida física preservada e nelas se encontra impregnada a força do sagrado e a certeza da perenidade.

Enfim, esse receptáculo de sentimentos advindos de suas conversas com o homem religioso somente pode se conservar com o corpo físico das imagens, que, mantendo-se intacto, faz com que elas acabem por se configurar na construção da memória de tantos fiéis, na representação de algo. Segundo afirma Didi-Huberman, “[...] o passado não cessa nunca de se reconfigurar [...]” (2006, p. 12). O autor ainda complementa esse pensamento em relação à memória e à longevidade dos objetos, ao afirmar que a imagem acaba por possuir mais passado e, por conseguinte, também mais futuro do que alguém que a contempla.



*Figura 8: Procissão na devolução da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora (Marilândia/ES).
Fonte: Arquivo do NCR, 2001.*

Essas festas e procissões, mesmo se inserindo em meandros paralitúrgicos são de total importância para o fortalecimento da Igreja e para a união da comunidade. É exatamente nesses momentos que, de acordo com o pensamento de Eliade (1992), acontece uma reatualização da cosmogonia nas paróquias, propiciando a manifestação das coisas divinas, simbolicamente promovendo o aniquilamento dos maus presságios, das faltas cometidas, dos pecados não revelados, anunciando o novo período de reafirmação das bênçãos para sanar as dores do corpo e do espírito, propiciando um alento tanto no sentido humano quanto no espiritual.

Referências

ABREU, Carol. O desejo da conquista. *In*: VASCONCELLOS, João Gualberto M. (Org.). *Vitória: trajetórias de uma cidade*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1993. p. 41-60.

ÁVILA, Cristina. Oratórios brasileiros e fé cotidiana. *In*: GUTIERREZ, Ângela (Coord.). *Museu do oratório*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 1999.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el tiempo*. Tradução para o espanhol de Adriana Hidalgo: Buenos Aires, 2006.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREEDBERG, David. *El poder de las imágenes: estúdios sobre la historia y la teoria de la respuesta*. Madrid: Cátedra, 1992.

HAUCK, J. F. et al. *História da igreja no Brasil*. 3. ED. Tomo II/2, Petrópolis: Vozes, 1992.

IGREJA CATÓLICA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001.

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. Petrópolis: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2008.

ORLANDIS, José. *Historia de la iglesia: I. la iglesia antigua y medieval*. Madrid: Palabra, 2006.